

# CAPÍTULO 10

## O ENSINO DE HISTÓRIA: CULTURA RELIGIOSA AFRO-BRASILEIRA E SUA DIFUSÃO NO 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL NA ESCOLA MUNICIPAL MAYARA REDMAN ABDEL AZIZ EM TEFÉ-AM



<https://doi.org/10.22533/at.ed.8011425090510>

*Data de aceite: 25/08/2025*

**Carlos Henrique Cavalcante De Oliveira Ramalho**

Mestrando Especial do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas – PPGICH da Universidade do Estado do Amazonas UEA/CEST. Especialista em Geografia História e Sustentabilidade FACPRISMA; Especialista em Educação do Campo; História Cultura Africana e Afro-brasileira, UAB/IFAM

**Jonilton Arantes Puca**

Especialista em Ensino de Química – UCAM; Especialista em Ensino da Matemática – FCE, Graduação em Química Universidade do Estado do Amazonas UEA/ Centro de Estudos Superiores de Tefé CEST e em Matemática UniCV

**Esdras Maurício De Lima**

Especialista em Metodologia no Ensino de Matemática – Faculdade Iguaçu; Graduado em Matemática Universidade do Estado do Amazonas UEA/ Centro de Estudos Superiores de Tefé – CEST

**Marques César Batista Da Silva**

Especialista em História do Brasil – Faculdade Única de Ipatinga/MG; Graduação em História pela Universidade do Estado do Amazonas UEA/ Centro de Estudos Superiores de Tefé CEST

**Joelma Cristina Cavalcante Lemos**

Especialista em Educação Museal pela Universidade Aberta do Brasil UAB/UEA; Graduada em Artes Visuais Universidade Federal do Amazonas UFAM

**Naiandra Falcão Dos Santos**

Graduada em Licenciatura em Biologia/ Química Universidade Federal do Amazonas

**Elienias Barbosa De Souza**

Especialista em Biologia e Práticas Pedagógicas PROMINAS, Graduação em Ciências Biológicas Universidade do Estado do Amazonas UEA/CEST

**RESUMO:** Apresenta-se este artigo, com o tema, “O ensino de história: cultura religiosa afro-brasileira e sua difusão no 9º Ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal Mayara Redman Abdel Aziz em Tefé-AM”, cujo objetivo geral foi de compreender as dificuldades encontradas pelo professor de história para transmitir o conteúdo de história do Brasil no que tange a difusão da cultura religiosa afro na atualidade. Justifica-se este tema por atender um dos requisitos da disciplina de Epistemologia do Ensino de Cultura do curso de Espacialização

em História e Cultura Africana e Afro-brasileira, do IFAM. A metodologia empregada nessa investigação foi bibliográfica e em seguida informal (campo) envolvendo 01 (um professor) de História do 9º Ano, turma A, turno matutino da Escola Municipal Mayara Redman Abdel Aziz, localizada no bairro do Abial, zona urbana central do município de Tefé-Am. Os resultados mostram que as dificuldades que impedem um aprendizado de qualidade em relação à cultura religiosa afro são diversas, desde a carência de material didático para a prática da pesquisa, como também a falta de um acervo maior de livros que também podem ser utilizados na prática da pesquisa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino. História. Cultura Religiosa.

## TEACHING HISTORY: AFRO-BRAZILIAN RELIGIOUS CULTURE AND ITS DIFFUSION IN THE 9TH YEAR OF ELEMENTARY EDUCATION AT THE MAYARA REDMAN ABDEL AZIZ MUNICIPAL SCHOOL IN TEFÉ-AM

**ABSTRACT:** This article is presented under the theme, "History Teaching: Afro-Brazilian Religious Culture and its Diffusion in the 9th Grade of Elementary School at the Mayara Redman Abdel Aziz Municipal School in Tefé, Amazonas." The overall objective was to understand the difficulties faced by history teachers in conveying Brazilian history content regarding the diffusion of Afro-Brazilian religious culture today. This theme is justified by its fulfillment of one of the requirements of the Epistemology of Cultural Teaching course in the Spatialization in African and Afro-Brazilian History and Culture course at IFAM. The methodology employed in this investigation was bibliographic and then informal (field) involving one (one) 9th-grade History teacher, Class A, morning shift, at the Mayara Redman Abdel Aziz Municipal School, located in the Abial neighborhood, central urban area of the municipality of Tefé, Amazonas. The results show that the challenges that impede quality learning about Afro-Brazilian religious culture are diverse, ranging from a lack of teaching materials for research to a larger collection of books that can also be used in research.

**WORDS-KEY:** Teaching, History, Religious Culture.

## INTRODUÇÃO

O ensino de História nas escolas de nível básico por todo o Brasil, principalmente as instituições públicas são questionadas em relação ao ensino da cultura religiosa afro. Nesse sentido, apresenta-se este artigo, com o tema, "O ensino de história: cultura religiosa afro-brasileira e sua difusão no 9º Ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal Mayara Redman Abdel Aziz em Tefé-AM", cujo objetivo geral foi de compreender as dificuldades encontradas pelo professor de história para transmitir o conteúdo de História do Brasil no que tange a difusão da cultura religiosa afro na atualidade.

Especificamente sugerir mudanças que possam dinamizar o ensino da cultura religiosa afro na escola; perceber a importância da cultura religiosa afro na formação da identidade do cidadão brasileiro e levantar discussões que indiquem uma mudança de postura dos estudantes do 9º Ano em relação à existência do preconceito sobre a cultura religiosa afro no seu cotidiano.

É relevante por provocar o exercício da pesquisa sobre uma temática que ainda precisa ser muito discutida dentro da escola: a de matriz cultural afro. Nota-se também que para mudar é preciso conhecer, e o conhecimento é a base fundamental das mudanças que podem minimizar o preconceito que ainda insiste sobre a prática religiosa em questão.

A metodologia empregada nessa investigação foi bibliográfica e em seguida informal (campo) envolvendo 01 (um professor) de Historia do 9º Ano, turma A, turno matutino da Escola Municipal Mayara Redman Abdel Aziz, localizada no bairro do Abial, zona urbana central do município de Tefé-Am. Os resultados mostram que as dificuldades que impedem um aprendizado de qualidade em relação à cultura religiosa afro são diversas, desde a carência de material didático para a prática da pesquisa, como também a falta de um acervo maior de livros que também podem ser utilizados na prática da pesquisa.

## O ENSINO DE HISTÓRIA E A CULTURA RELIGIOSA AFRO-BRASILEIRA

O ensino de História nas escolas de nível fundamental em todo o Brasil vem nos últimos anos dedicando uma atenção especial para as discussões que envolvem a cultura africana, especificamente a cultura religiosa afro-brasileira, uma das heranças mais importantes que nos foi transmitida desde que os negros aportaram em terras brasileiras. Desde então, a cultura religiosa afro-brasileira vem difundido seus valores, magias, mitos dentre outros aspectos significativos em nosso meio. É preciso também, que o ensino de História siga um modelo mais dinâmico e interativo, ou seja, a relação entre o conhecimento, professor e o aluno é uma das características que marcam bastante, dessa forma, buscar subsídios que enriqueçam esse debate, é sem dúvida determinante para que na escola, aconteça uma maior difusão da cultura religiosa afro-brasileira (Brodbeck, 2009).

Conceber o ensino de História sobre algo particular como a cultura religiosa afro-brasileira através da insistência em decorar datas e fatos é algo completamente ultrapassado, é preciso, no entanto, que este processo ocorra de uma forma em que o aluno se sensibilize sobre a pesquisa e que também forme a sua própria opinião crítica, com base no que está sendo apresentado pelo seu professor de História dentro da sala de aula. Outro aspecto importante, é quanto à diversidade de opiniões dos alunos em relação ao conhecimento histórico e cultural de origem afro difundido em nossa sociedade, como afirma Brodbeck (2009, p. 7):

O professor não pode esperar que todos os alunos tenham noções parecidas ou mesmo uniformes sobre diferentes conteúdos trabalhados em sala de aula. Para desenvolver o trabalho, ele deve considerar a premissa de que os alunos são produtores do próprio conhecimento e, partindo desse pressuposto, conduzir as ações propostas em sala de aula, no sentido de deixá-los em condições de mobilizar os conhecimentos adquiridos anteriormente para resolver novas questões e que, de alguma forma, sejam motivados e ir além.

Na opinião da autora, percebe-se que o professor de História, é o mediador do processo de ensino, mas para esse processo obter êxito é necessário que ambos sintam-se motivados, pelo professor ao aplicar seus conteúdos através de metodologias que facilitem a apreensão do conhecimento por parte do aluno. O aluno, por sua vez, deve sempre procurar formar o seu próprio entendimento crítico, questionar e pesquisar sempre (Bittencourt, 2003).

O conhecimento capturado pelo aluno não é único, ou seja, os resultados devem ser exatamente iguais ou semelhantes. O aluno, é a engrenagem mais importante desse processo, estimulá-lo a formar seu próprio conhecimento é a tarefa do professor, até porque, os conteúdos de História, principalmente do nível Médio sugerem a reflexão sobre os fatos, portanto, é uma oportunidade que não deve ser desperdiçada nem pelo professor e tampouco pelo aluno. O ensino de História torna-se para o professor e consequentemente para o aluno um grande desafio, dessa forma, segundo, Bittencourt (2003, p. 11):

Um dos primeiros desafios para quem ensina História parece ser a explicitação da razão de ser da disciplina, buscamos atender aos anseios de jovens que ardilosamente fazem perguntas aparentemente inocentes, como: Porque estudar História ou Porque o passado, se o importante é o presente?

Observando a opinião de Bittencourt (2003) se verifica que mesmo em aparentes perguntas inocentes o professor de História é exigido pelo aluno. Explicar de forma clara, concisa tudo o aquilo que o aluno pergunta é o momento em que espontaneamente se constrói a opinião crítica. Perguntar é algo próprio da cultura humana e é algo que deve ser plenamente respondido por aquele que se preocupa em ensinar o conteúdo de História com responsabilidade.

Em síntese, pode até parecer fácil ensinar História, mas, ensinar com qualidade exige no mínimo competência, por parte do professor, tendo em vista que o aluno passa a compreender o conteúdo curricular de História, através das explicitações do seu professor. Uma pergunta inocente, ou complexa, tem a mesma importância para o aluno, que nesse momento, quer além do conhecimento, uma justificativa do porque desse conhecimento.

## CULTURA E RELIGIOSIDADE AFRO-BRASILEIRA: UMA BREVE ANÁLISE HISTÓRICA

A forte influência da cultura religiosa africana na sociedade consiste em uma trajetória rica em acontecimentos que se interligam desde os primeiros registros da chegada dos negros ao território brasileiro. Nesse sentido, cabe desvelar a religiosidade afro-brasileira sob a ótica de uma ampla e extensa visão histórica. Contudo, a religiosidade afro-brasileira que se propõe discutir nesse momento, delimita-se a partir do século XIX aos dias atuais. Para Prandi (2004, p. 1) foi no final do século XIX e início do século XX que começaram a fluir os cultos religiosos africanos, em importantes cidades brasileiras, dentre as quais, Rio de Janeiro, sob a influência direta da Bahia, principal berço da religiosidade africana no Brasil como se pode constatar abaixo:

No início do século XX, enquanto os cultos africanos tradicionais eram preservados em seus nascedouros brasileiros, uma nova religião se formava no Rio de Janeiro, a umbanda, síntese dos antigos candomblés bantos e de caboclos transplantados da Bahia para o Rio de Janeiro, na passagem do século XIX para o XX... (Prandi, 2004, p. 223).

Historicamente percebe-se que a cultura religiosa africana em solo brasileiro começou a se espalhar por diversos estados, a partir da Bahia, no final do século XIX, como deixa transparecer o supracitado autor, contudo, nota-se que esse acontecimento, outrora, se constituía em uma herança cultural transportada do próprio continente africano nos idos da escravidão, porém, devido ao regime forçado de trabalho, os cultos de umbanda e posteriormente de candomblé foram suprimidos pela sociedade dominante, além disso, embora não explícito, deduz-se que manifestações religiosas africanas em solo brasileiro eram perseguidas em discriminadas.

O autor cita também, algo importante, os cultos africanos final do século XIX e início do século XX eram ritos tradicionais, portanto, preservados. O sentido a que se entende por preservado é de resistência, tendo em vista que os antigos terreiros de candomblés tinham origem na sociedade Banto africana. Os bantos eram antigos grupos que habitavam Angola, especificamente “[...] a região sul de Luanda, uma das rotas de tráfico escravo para o Brasil”... (Mello Souza, 2009, p. 23).

Do Rio de Janeiro para o restante do país, foi só uma questão de tempo, assim, a umbanda, passou a ser considerada, na visão de Prandi (2004, p. 223) a verdadeira religião brasileira por mesclar o catolicismo com a tradição cultural negra expressa nos orixás e por carregar o sincretismo religioso indígena. Então, foi o resultado de uma mistura de raças, daí a consideração que o autor faz sobre a umbanda no Brasil. Esse posicionamento torna-se mais evidente ao observar criteriosamente o seguinte fragmento:

Chamada de “a religião brasileira” por excelência, a umbanda juntou o catolicismo branco, a tradição dos orixás da vertente negra, e símbolos, espíritos e rituais de referência indígena, inspirando-se, assim, nas três fontes básicas do Brasil mestiço (Prandi, 2004, p. 224).

A religião aqui denominada de brasileira é o resultado de uma cultura que resultou a princípio da cultura negra, as demais influências a seguiram, isso porque, assim como no catolicismo, a umbanda também tem seus símbolos, signos e significados e, muito desses aspectos advém da resistência em manter os hábitos em rituais existentes muito antes da chegada dos negros ao Brasil. Contudo, devido a outros valores culturais, tal qual o indígena, a umbanda brasileira foi miscigenando-se culturalmente e hoje, transparece esses valores.

## NEGROS DA ETNIA BANTO

No tópico acima, destacou-se que a cultura religiosa afro-brasileira em muito se deve ao povo de origem negra, especificamente a população da etnia Banto, mas quem eram e de onde vinham, como chegaram ao Brasil? São questionamentos importantes se for considerada que a religiosidade afro-brasileira em sua identidade cultural tem uma relação próxima com esses negros. Os bantos formam um grupo étnico africano que habitam a região da África ao sul do Deserto do Saara. A maioria dos mais de 300 subgrupos étnicos é formada por agricultores, que vivem também da pesca e da caça. Estes subgrupos possuem em comum a família linguística banta. No passado, os bantos viveram em aldeias que eram governadas por um chefe. O rei banto, também conhecido como *manicongo*, recolhia impostos em forma de objetos, mercadorias e alimentos de todas as tribos que constituíam seu reino (Prandi, 2004).

Os bantos são provavelmente originários dos Camarões e do sudeste da Nigéria. Por volta de 2000 a.C., começaram a expandir seu território na floresta equatorial da África central. Mais tarde, por volta do ano 1000, ocorreu uma segunda fase de expansão mais rápida, para o leste, e finalmente uma terceira fase, em direção ao sul do continente, quando os bantos se miscigenaram. A partir do século XV inicia-se uma das maiores migrações forçadas da história da humanidade, na qual milhões de africanos que haviam sido capturados em seus territórios ancestrais, na maioria das vezes por outros africanos de tribos rivais, foram levados para o litoral e vendidos como escravos para os europeus e brasileiros em portos específicos na África e trazidos nessas condições para o Brasil (Melo Souza, 2009).

Durante o final do século XVI e final do século XVIII, a principal etnia trazida para o Brasil foi dos bantos, povo que durante o período de colonial brasileiro ocupava a maior parte do continente africano situado ao sul do Equador, na região onde hoje se localizam: República Democrática do Congo, Angola e Moçambique, entre outros (Prandi, 2004).

A grande maioria dos bantos que foram trazidos para o Brasil cultuavam um deus supremo chamado de *Nzambi*, *Nzambi Mpungu* ou *Anganga Nzambi*. Para Pradi (2004) entre as línguas faladas por esta etnia estão o *quicongo* (Congos e Norte de Angola), o *quimbundo* (centro de Angola) e o *umbundo* (sul de Angola).

Os bantos também tentaram preservar suas tradições religiosas no Brasil, adaptando suas crenças às condições de escravidão a que estavam submetidos. A principal forma encontrada por eles foi associar os santos católicos aos seus deuses. Foi a partir deste sincretismo, ocorrido no interior das senzalas a partir do final do século XVI, que nasceu a primeira manifestação sincrética da religiosidade banto-católica no Brasil: o Calundu (Prandi, 2004).

## A CULTURA RELIGIOSA AFRO-BRASILEIRA EXPRESSA NAS IMAGENS DOS SANTOS CATÓLICOS

Na cultura religiosa afro-brasileira a figura dos santos é representada pelos orixás, isso é o resultado dessa mistura cultural entre europeus, negros e índios. Por outro lado, o fato de associar a umbanda ao maligno é o que representa, assim como no final do século XIX uma imagem discriminatória, imagem esta que persiste nos dias atuais. Nesse sentido em desvelar o trajeto histórico sobre a religiosidade afro-brasileira é importante refletir sobre o que diz Gomes (2013, p. 195): “Acredito que parte do preconceito existente em relação à Umbanda, aconteça pela ligação que se faz da figura do Exu ao diabo”.

Dissociar ou compreender esse paradigma entre o que prega e o preconceito que está impregnado nos rituais religiosos da umbanda é um desafio complexo, principalmente para aqueles que desconhecem os valores dessa denominação. Desde que foi definitivamente disseminada no Brasil, no final do século XIX como argumentou claramente Prandi (2004) à umbanda sofre com esse conceito. Contudo, ao desvelar os significados de seus símbolos, percebe-se que em muito se assemelha ao simbolismo de outra denominação religiosa, a católica, tendo em vista que para os devotos católicos, existem as figuras do bem e do mal, assim como para os praticantes ou participantes dos rituais umbandistas.

Para Prandi (2004, p. 224), hoje, com o avanço de uma parcela significativa da população nacional no campo intelectual, está sendo vencida ignorância em detrimento a cultura religiosa afro-brasileira e em parte, deve-se:

Parcela importante da legitimidade social que a cultura negra do candomblé desfruta hoje foi gestada a partir de uma nova estética formulada pela classe média intelectualizada do Rio de Janeiro e de São Paulo nas décadas de 1960 e 1970, que adotou e valorizou mais do que nunca aspectos negros da cultura baiana, seus artistas e intelectuais.

Assim como os demais campos da sociedade, tal como ciência, economia e sociedade sofreram mudanças significativas ao longo das últimas cinco décadas do século XX, a religião afro-brasileira também, nesse bojo, foram inseridos intelectuais, cantores, artistas etc., que conseguiram aos poucos transmitir um novo conceito acerca desse sincretismo. Contudo, ainda não foi superado completamente o preconceito, esse é o nosso entendimento, tendo em vista que comumente se relaciona a religião umbanda a ritos de morte ou de magia negra. Negro sim são os valores dessa denominação religiosa, porém não são maus.

Por exemplo, nas décadas de 1960 e 1970, com o ingresso de diversas personalidades no universo umbandista brasileiro, principalmente de expoentes da Bahia, Rio de Janeiro e São Paulo, houve uma valorização, uma nova estética conceitual, que agora atingia a classe média brasileira. Então, se percebe que o valor da cultura religiosa afro-brasileira se interliga a outros segmentos importantes da sociedade como um todo, legitimando assim o movimento que se expandiu nos final do século XIX.

As divindades, ou orixás do Candomblé por se assemelhar as divindades do catolicismo romano, merecem ser compreendidas a partir de seus significados, por exemplo:

Oxalá divindade da criação dos seres humanos, soberano que tudo comanda; Xangô divindade dos raios, relâmpagos e trovões; Ogum divindade do ferro e dos ferreiros, deus das guerras; Oxóssi divindade das florestas e da caça; Omulu Oballuayê divindade da varíola e das doenças contagiosas; Oxumarê divindade das chuvas e do arco-íris; Exu mensageiro, guardião dos templos, das casas e das pessoas; Iemanjá divindade das águas salgadas; Iansã divindade das tempestades, dos ventos e dos relâmpagos; Ibejis divindade das brincadeiras, da infância e da fecundidade (Souza, 2009, p. 115).

Nota-se que a religiosidade afro-brasileira, a partir do candomblé é rica no que tange a divindades, ou seja, praticamente existe um representante para cada uma das necessidades, principalmente quando se percebe que as citadas divindades se relacionam com os fenômenos da natureza: vento, trovões, relâmpagos, mar, etc. Diante desse posicionamento é compreensivo deduzir que o candomblé procura aproximar as pessoas do ambiente onde vivem, fazendo-as perceber sua importância para o equilíbrio da vida, em suma, da existência de todos os seres vivos (Souza, 2009).

Ainda, na busca pelos pressupostos históricos acerca da religiosidade afro-brasileira, chegasse mais uma vez a uma opinião muito importante vindo a esclarecer os motivos que, segundo Prandi (2004) contribuíram para que o candomblé viesse afirmar-se com uma religião no Brasil. Na visão desse autor, quem mais contribuiu foi o sincretismo católico, tendo em vista, por aproximadamente 100 anos, entre meados do século XVIII até as primeiras décadas do século XX praticamente a Igreja Católica concedeu uma posição de conforto e de respeito à diversidade religiosa das pessoas que se tornaram adeptas do candomblé.

Contudo, segundo este mesmo autor, nem tudo foi harmonia, há também aqueles que discordam e que também perseguem a religiosidade afro-brasileira, como se pode observar no fragmento abaixo:

Por outro lado, é sabido como muitas igrejas neopentecostais têm crescido a custas das religiões afro-brasileiras, sendo que para uma de suas mais bem-sucedidas versões, a Igreja Universal do Reino de Deus, o ataque sem trégua ao candomblé e à umbanda e a seus deuses e entidades é constitutivo de sua própria identidade (Mariano, 1999, *apud* Prandi, 2004, p. 227).

Devido à liberdade religiosa em todo o Brasil, surgiram nas últimas décadas, principalmente no fim dos anos de 1980, diversas religiões, por exemplo, as de cunho neopentecostais. *Neo*, traduzindo para a língua portuguesa, significa novo. Contudo essa novidade tornou-se uma perseguição velada e desmedida ao sincretismo religioso afro-brasileiro, tendo em vista que seus pregadores se referem, ao candomblé, por exemplo, como algo completamente errado. Em meio a essa discussão, Prandi (2004) acaba se referindo diretamente a Igreja Universal do Reino de Deus. Mas, esse tipo de ação, tem uma justificativa, para que possam se firmar em uma sociedade com uma cultura religiosa

tão diversificada quanto a nossa, é necessário chamar atenção das pessoas. Mostrando muitas das vezes, algo irreal, mas que consegue atingir diretamente aqueles que se dedicavam a prática do candomblé.

## **METODOLOGIA**

O método empregado neste trabalho dividiu-se em duas etapas específicas, a primeira de caráter bibliográfico e a seguinte de campo. A revisão bibliográfica, que segundo Silva (2009), utiliza material já publicado, constituído basicamente de livros, artigos de periódicos e, atualmente, com informações disponibilizadas na internet. Para Gil (1999), a revisão bibliográfica busca encontrar as fontes primárias e secundárias e os materiais científicos e tecnológicos necessários para a realização do trabalho científico ou técnico-científico. Na etapa de campo centrou-se somente no professor de História do 9º Ano, através da abordagem informal. Interpelou-se sobre a sua conduta frente ao conteúdo de cultura religiosa afro-brasileira e sua difusão, especificamente na sala de aula. Esta abordagem deu-se entre os dias 10 a 15 de maio de 2024, no turno matutino. Nesse ensejo, destaca-se que este método, enquadra-se diretamente no conceito epistemológico qualitativo.

## **RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Ao iniciar os resultados e discussões abre-se um parêntese para também destacar de forma breve o histórico da Escola Municipal Mayara Redman Abdel Aziz, palco dessa pesquisa. Inaugurada no ano de 2012, está situada em um dos bairros mais populosos de Tefé, o bairro do Abial, estima-se que hoje, tenha por volta de 4,5 mil habitantes. A Escola Mayara Redman Abdel Aziz, está erguida em um prédio moderno, atende as exigências para uma educação de qualidade e inclusiva, respeitando o acesso de alunos portadores de deficiência física, por exemplo, rampas, banheiros adaptadas, salas climatizadas, amplo auditório, refeitório confortável, são algumas das características que se pode citar. Em relação ao seu quadro profissional, conta com professores graduados em diversas áreas do conhecimento, inclusive em História.

Apresentada a escola, passa-se a enfatizar os resultados e as discussões acerca da pesquisa com o tema: “O ensino de história: cultura religiosa afro-brasileira e sua difusão no 9º Ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal Mayara Redman Abdel Aziz em Tefé-AM”. Nesse primeiro momento, sugerimos ao professor de História que relatasse, quais seriam suas principais dificuldades em relação ao ensino de história, considerando o conteúdo de cultura religiosa afro-brasileira.

Segundo o referido professor, que por motivos éticos, lhe foi resguardada sua identidade, os problemas comuns são vários, como por exemplo, a falta de material didático e de pesquisa acerca da história da cultura religiosa afro-brasileira, isso porque, ainda, se insiste bastante nos poucos livros didáticos dessa disciplina, uma pouca quantidade

de informações que possam sequer subsidiar uma discussão mais ampla. Outro aspecto complicador recai sobre a grade curricular, são muitos conteúdos de História Mundial, enquanto que de História do Brasil são bem menos.

Percebe-se claramente que o referido professor tem em suas mãos uma missão complexa, ensinar sobre a identidade étnica, cultural, social e religiosa do povo brasileiro, sem ter as mãos materiais suficientes para que este processo tenha a notoriedade qualitativa, como estabelece a atual Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, 9.394/1996 (Brasil, 1996).

Ainda sobre as dificuldades, sugerimos também que esclarece como faz para superá-las. O professor de História do 9º Ano, disse que uma das alternativas é a pesquisa em casa, com auxílio da internet, ou então, indica aos alunos que procurem a biblioteca pública. No entanto, esta última está distante, e é praticamente inviável que o aluno chegue até lá.

Entretanto, o professor, demonstra uma preocupação inquietante em relação as pesquisas sobre a cultura religiosa afro-brasileira na internet, que o aluno, apenas recorte e monte seu trabalho, sem se importar muito em expor sua opinião crítica, enfim, ler e construir seu próprio conceito. Além disso, afirmou que o aluno, hoje, não tem o hábito da leitura e isso negativamente influencia e seu desempenho em sala de aula, não só em relação à disciplina de História, como nas demais também. Outro fato é quanto às fontes, embora orientados, costumam não colocar em seus trabalhos as origens bibliográficas.

Hoje, segundo Karnal (2004, p. 19) é preciso recuperar o tempo perdido com o ensino de História que em maioria era vazio e com conteúdos sem significado:

O grande desafio que se apresenta neste novo milênio é adequar nosso olhar às exigências do mundo real sem sermos sugados pela onda neoliberal que parece estar empolgando corações e mentes. É preciso, nesse momento, mostrar que é possível desenvolver uma prática de ensino de História adequada aos novos tempos (e alunos), rica de conteúdos, socialmente responsável e sem ingenuidade nostálgica.

Percebe-se na opinião do autor que o problema em relação à dinâmica do ensino de História hoje, se constitui em um dos entraves na busca pela qualidade desse processo. O professor deve abrir a mente dos alunos para um pensar e agir mais crítico, além disso, é preciso buscar conteúdos que sejam relevantes nesse contexto de ensino.

Na sequência, procurou-se saber como o professor de História trabalha as datas comemorativas, por exemplo, “Abolição da Escravidão e o Dia da Consciência Negra”, de modo interdisciplinar, ou seja, inserindo o conteúdo religiosidade afro-brasileira. Este disse que uma das alternativas é trabalhar a música, dramatizações etc. Isso porque os alunos se envolvem mais.

É importante salientar que no bairro do Abial, é o lugar, na cidade de Tefé, onde a cultura religiosa afro-brasileira é mais latente. São vários centros espíritas de candomblés, umbanda, além das festividades que comumente são realizadas. Sob este ponto de

vista, os moradores e consequentemente os alunos estão um pouco mais esclarecidos, nesse sentido, questionou-se sobre a existência de preconceito em sala de aula quando o assunto de História se relaciona a cultura religiosa afro-brasileira. O professor de História esclareceu que ainda existe esse tipo de comportamento, entretanto, também trabalha a conscientização dos alunos, trazendo informações que possam contribuir para o respeito sobre todo e qualquer tipo de manifestação religiosa.

Finalizando, sugeriu-se ao professor de História que indicasse sugestões que viessem contribuir para uma nova postura dos alunos frente ao conteúdo de História, especificamente sobre 'religiosidade afro-brasileira na escola'. As sugestões do professor foram: modificar a grade curricular concedendo mais espaço para que o professor e os alunos aprofundem as discussões acerca da temática, disponibilizar um maior acervo literário na escola para que os alunos exercitem a pesquisa.

O ensino de História deve contribuir para a formação de cidadãos conscientes da importância de sua participação social, preocupados em resgatar e respeitar o patrimônio histórico (Brodbeck, 2009). O conhecimento é também a compreensão da natureza social e individual do ser humano, a consciência da realidade em que vive para o reconhecimento de sua herança cultural e coletiva também deve ser objetivo do ensino de História.

Atualmente, segundo Nikitiuk (2007) o ensino de História não é mais um simples registro de fatos passados, ou mais exatamente, simples procedimentos de análises, é preciso compreender que o ensino de História, no mundo, e também no Brasil, evoluiu bastante. Essa evolução obriga tanto o professor quanto o aluno a um maior acúmulo de informações e consequentemente a formação de uma opinião crítica mais conceituada.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Considera-se que os resultados obtidos foram esclarecedores quanto à existência de diversas dificuldades em torno da problemática para que o ensino de história sobre a cultura religiosa de matriz afro se torne mais difundida no âmbito escolar. Material didático atrasado é apenas um dos exemplos, outro que se pode citar é o preconceito manifestado por parte dos alunos. No entanto, constatou-se que no bairro do Abial, onde está localizada a Escola Municipal Mayara Redman Abdel Aziz, pode ser conceituado como o berço do candomblé, são diversos centros espíritas e festas que todos os anos são realizados.

Nota-se que na referida escola, falta além do conhecimento sobre a literatura histórica um maior domínio que rompa com o paradigma do preconceito, isso porque, o significado de preconceito é um conceito antecipado sem que se conheça evidentemente o significado e a importância da cultura religiosa afro na formação da identidade étnica, moral, social e cultural do brasileiro, em especial, do cidadão e aluno tefense, morador do bairro do Abial.

Entende-se também que com o surgimento da internet, o professor de História, precisa ficar alerta para não agravar essa situação, já que nela tudo se encontra pronto. A internet dá praticidade às pesquisas, mas em certos casos, constitui um problema: leva as pessoas à conformidade. A facilidade de se pesquisar na rede acaba tirando ou diminuindo o senso pesquisador. Com isso, o aluno que poderia desvelar muitos assuntos sobre a cultura religiosa afro-brasileira acaba somente copiando e colando textos prontos.

## REFERÊNCIAS

- BITTENCOURT, Circe. Identidade nacional e o ensino de História do Brasil. In. KARNAL, Leandro (org.) **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. São Paulo: contexto, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação** nº. 9394/96. Brasília Mec / SEF, 1996.
- BRODBECK, Marta de Souza Lima. **O ensino de História: um processo de construção permanente: história, ensino fundamental I**. Marta de Souza Lima Brodbeck. Curitiba: Módulo Editora, 2009.
- GIL, Antônio C. **Métodos e técnicas em pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- GOMES, R. S. de A. **A língua desse povo não tem osso, deix'esse povo falá**: ... Per Musi, Belo Horizonte, n.28, 2013, p.192-207.
- KARNAL, Leandro. **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas**. Leandro Karnal (org). 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- NIKITIUK, Sônia. **Repensando o ensino de história**. Sônia M. Leite Nikitiuk (org.) – 6<sup>a</sup> ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- PRANDI, Reginaldo. **O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso**. Estudos Avançados 18 (52), 2004.
- SILVA, Renata. **Metodologia do trabalho científico**/ Renata Silva [e] Vilmar Urbaneski, Centro Universitário Leonardo da Vinci. – Indaiatuba: ASSELVI, 2009.
- SOUZA, Marina de Melo. África e o Brasil africano. São Paulo: Ática, 2009.